

A “*Intentona Comunista*” ou a construção de uma legenda negra

Rodrigo Patto Sá Motta*

No decorrer do século XX, o conflito opondo comunismo e anticomunismo ocupou posição central, colocando-se como elemento destacado na dinâmica política e cultural e nas relações internacionais. Não é possível compreender os acontecimentos mundiais dos últimos decênios sem levar em consideração os embates em torno da utopia comunista. Tal centralidade ficou ainda mais evidente no quadro da guerra fria, momento a partir do qual o comunismo se tornou, de fato, uma força planetária, na medida em que estados da Ásia, América e África (além da Europa oriental) começaram a aderir aos ideais de Lênin, rompendo o isolamento da União Soviética.

Como resposta ao crescimento da área sob influência soviética, os Estados Unidos se propuseram a desempenhar o papel de principal fortaleza anticomunista, ocupando posição de coordenação na guerra contra o “perigo vermelho”, postura que derivava tanto de compromissos ideológicos quanto de interesses geoestratégicos e econômicos. Para cumprir a contento o objetivo de defender o planeta da “ameaça revolucionária”, passou a ser imperativo para os EUA reunir em torno de si os países do “mundo livre”, mesmo a contragosto de alguns deles. A guerra fria produziu a intensificação do anticomunismo, pois o Estado norte-americano empenhou o peso de seu poder e de sua riqueza na sustentação aos grupos dispostos a enfrentar o “inimigo” comunista, oferecendo-lhes suporte ideológico, político e material.

* Professor do Departamento de História da UFMG.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 13, pp. 189-207

Voltando a atenção para o quadro nacional, pode-se dizer, sem temer o exagero, que o anticomunismo teve papel marcante na história política brasileira das últimas décadas. No período imediatamente posterior à Revolução de 1917 e no decorrer da década de 1920, as manifestações contra o comunismo já começaram a aparecer na imprensa e o assunto entrou para o rol de preocupações dos grupos privilegiados. No entanto, a “questão social” e os riscos políticos a ela ligados ainda não eram associados de maneira predominante ao comunismo, inclusive porque os anarquistas tinham mais força e visibilidade política no Brasil que os adeptos do bolchevismo.

Com o crescimento experimentado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos 1930, fato sem dúvida ligado, entre outras coisas, à adesão do popular líder “tenentista” Luiz Carlos Prestes e à formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), tal quadro começa a se alterar. O anticomunismo começou a ganhar maior substância na mesma medida em que se dava o processo de expansão da influência do Partido Comunista; a partir da transformação do comunismo em “perigo” real, ganharam ânimo e começaram a organizar-se seus adversários.

Porém, foi a “Intentona Comunista”, em novembro de 1935, a maior responsável pela disseminação e pela consolidação do anticomunismo no Brasil. O impacto foi enorme sobre a opinião conservadora, afinal, não era uma rebelião comum: tratou-se de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder, a qual, uma vez bem sucedida, poderia ter provocado grandes transformações na organização social brasileira. A comoção tornou-se ainda maior quando a imprensa começou a divulgar indícios, encontrados pela polícia, da participação de um grupo de estrangeiros ligados à Internacional Comunista (*Komintern*) na frustrada tentativa revolucionária.

Criaram-se, assim, bases para o estabelecimento de uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira, reproduzida ao longo das décadas seguintes através da ação do Estado, de organismos sociais e mesmo de indivíduos, cujo zelo militante levou à constituição de um conjunto de representações sobre o comunismo, um verdadeiro imaginário anticomunista. Tal tradição passou a ser elemento constante nas campanhas e nas lutas políticas, o que não significa que suas manifestações tenham tido sempre a mesma intensidade. Em determinados períodos, a presença do anticomunismo foi fraca, quase residual. Mas houve radicalização do fenômeno em algumas conjunturas históricas, sempre ligadas a fases de crescimento da influência do PCB, em particular, e da esquerda, em geral.

No que toca ao imaginário anticomunista, os revolucionários foram representados, ao longo da história, através da utilização de uma farta gama de adjetivos, atribuindo-lhes qualidades negativas. Um levantamento completo foge aos limites do presente trabalho, mas o tom que a campanha anticomunista atingiu pode ser vislumbrado através de alguns exemplos. Os comunistas foram chamados de “piratas”, “desvairados”, “paranóicos”, “degenerados”, “tresloucados”, “dementes”, “bárbaros”, “selvagens”, “horda” (asiática, tartária, mongólica), entre outros epítetos.¹

Essencialmente, o comunismo foi identificado à imagem do “mal”, tal qual as sociedades humanas normalmente entendem e significam o fenómeno, ligando-o à idéia de sofrimento, pecado e morte.² A ação dos comunistas traria formas de sofrimento, como fome, miséria, tortura e escravização; a nova organização social por eles proposta implicaria em pecado, pois questionava a moral cristã tradicional, defendendo o divórcio, o amor livre e o aborto; e a morte estaria sempre acompanhando o rastro dos bolcheviques, a quem se acusava de assassinar em massa seus oponentes e de provocar guerras sangrentas.

A maioria das representações envolvia temas que denotam as características maléficas atribuídas aos comunistas, responsabilizados pela ocorrência de uma gama variada de males. Eles trouxeram à tona temores arcaicos — foram associados à imagem da peste, por exemplo — mas também despertaram ansiedades do mundo moderno, como a inflação, que foram acusados de provocar, visando a desestabilização da ordem econômica.³ No limite, chegou-se a operar a associação comunismo = demônio, na medida em que a revolução foi vituperada como encarnação do “mal absoluto”. Se os comunistas eram responsáveis por um cortejo tão grande de desgraças, não seria factível associar sua atuação aos desígnios do “príncipe das trevas”, que, segundo o imaginário cristão, era a fonte suprema de todo mal?

¹ Para uma relação mais exaustiva dos adjetivos atribuídos aos comunistas ver Bethania Mariani, *O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*, Rio de Janeiro, Revan, 1998, pp. 120-121.

² Sobre a discussão conceitual acerca do “mal”, ver Paul Ricoeur, *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia*, Campinas, Papirus, 1988.

³ “E os artifícios diabólicos para derrocada do *status* levaram à tese da necessidade da inflação, justificada como mero resíduo inócuo do desenvolvimento. O que é universalmente tido como criminoso e traiçoeiro à economia de qualquer país passava a ser legitimado pela propaganda comunista, que tem nessa espoliação branca um dos aliados mais interessados pelo seu alto poder corrosivo e dissociativo da sociedade”. Antônio Porto Sobrinho, *A guerra psicológica no Brasil*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1965, p. 127

Em nosso estudo sobre o imaginário anticomunista,⁴ propusemos, visando facilitar a análise, uma classificação, dividindo o fenômeno em alguns temas: a demonização do comunismo; a ação dos revolucionários, representada como similar ao trabalho de agentes patológicos; a associação entre comunismo e ameaça estrangeira; e as construções que apresentam os comunistas como imorais ou amorais.

Além dos temas acima elencados, analisamos três conjuntos de representações relacionados a personagens e acontecimentos vinculados ao comunismo. Neste caso, trata-se de personalidades e eventos históricos, que propiciaram aos anticomunistas argumentos a serem explorados para efeito de propaganda. Retirados da história, tais objetos receberam o verniz do mito, sendo-lhes atribuídas características negativas, que o imaginário anticomunista imputava a seus inimigos.

Tais representações tiveram grande importância na campanha anticomunista, pois sua aura de objetos concretos conferia à propaganda um caráter verídico e exemplar. Referimo-nos às representações construídas em torno da União Soviética, de Luiz Carlos Prestes e da “Intentona Comunista”. No presente artigo, vamos centrar o foco analítico apenas sobre o último tema.

* * * * *

Os acontecimentos de novembro de 1935 têm uma importância marcante na história do imaginário anticomunista brasileiro, na medida em que foram apropriados e utilizados para consolidar as representações do comunismo como fenômeno essencialmente negativo. O episódio sofreu um processo de mitificação, dando origem à formação de uma verdadeira *legenda negra* em torno da “Intentona Comunista”. O levante foi representado como exemplo de concretização das características maléficas atribuídas aos comunistas. Segundo as versões construídas por seus adversários, durante os quatro dias da revolta⁵ os seguidores de Prestes teriam cometido uma série de

⁴ Ver Rodrigo Patto de Sá Motta, *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964), São Paulo, 2000 (Tese de Doutorado, USP). Na verdade, a tese aborda não apenas as representações anticomunistas. Ela é dedicada, também, a analisar as ações inspiradas no anticomunismo.

⁵ Contando a partir do dia 23, quando o movimento estourou em Natal, até 27, data da eclosão no Rio.

atos condenáveis, considerados uma decorrência necessária dos ensinamentos da “ideologia malsã”. O relato mitificado do evento foi sendo reproduzido ao longo das décadas seguintes, num processo paulatino de construção e elaboração. No início dos anos 60, já encontramos o mito cristalizado, contendo uma narrativa consolidada acerca de “35”.

As vantagens embutidas na exploração propagandística da “Intentona” são evidentes: tratava-se de um caso real, ocorrido no Brasil, e não de informações relativas a terras longínquas. O comunismo deixava de ser uma abstração e adquiria perfil definido, concreto e próximo da realidade brasileira; o anticomunismo passava a ter um apelo forte, sensibilizando setores significativos da sociedade que, até então, não davam ouvidos às advertências sobre o “perigo vermelho”. A “Intentona Comunista” possuía característica típica dos mitos modernos, a capacidade de provocar a mobilização social. A partir de então, e frequentemente agindo com eficácia, a propaganda conservadora procurou mobilizar a sociedade contra os “comunistas” através da advertência de que, caso não fossem detidos, cometeriam de novo as supostas vilezas praticadas em 1935. Deste modo, os discursos e as imagens construídos em torno da Intentona tornaram-se um dos principais esteios do anticomunismo brasileiro, oferecendo suporte político-ideológico para justificar campanhas de repressão contra movimentos inspirados no pensamento da esquerda.

Vejam agora como se deu o processo de construção das representações sobre a “revolução” de 1935, bem como os elementos que compõem sua estrutura. Em primeiro lugar, é preciso observar que a adoção do termo “intentona” não se deu de imediato. Alguns políticos e jornalistas utilizaram a expressão nos dias seguintes à revolta, mas a generalização e a oficialização de “Intentona Comunista”, para designar o levante de novembro de 1935, só se consolidou muitos anos depois.

A adoção daquela expressão pela memória oficial decorreu das necessidades estratégicas da luta anticomunista, na medida em que se tratava de desqualificar a tentativa revolucionária de 1935. Intentona significa intento louco, motim insensato e é exatamente esta a idéia que se pretende associar ao evento, representado desde então como um “capítulo negro” da história brasileira. O termo não foi cunhado especialmente para a ocasião, já fazia parte do vocabulário político brasileiro. Encontramos na imprensa referências a “intentonas” anteriores ao episódio comunista. Em abril de 1932, uma ten-

tativa de sublevação num quartel do Exército foi chamada intentona,⁶ assim como um conflito, ocorrido em fevereiro de 1935, opondo grupos políticos rivais alagoanos.⁷ Por outro lado, mesmo após o levante de novembro, a alcunha não se tornou exclusividade comunista, pois o golpe integralista perpetrado em maio de 1938 também foi chamado “intentona”.⁸ De qualquer modo, na memória e na historiografia oficiais, a única intentona que permaneceu foi a comunista, marcada pelo opróbrio e zelosamente rememorada a cada ano.

Como foi dito, a expressão não “vingou” imediatamente, apesar de ter aparecido já nos dias seguintes à insurreição. No dia subsequente ao levante ocorrido no Rio de Janeiro, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, num artigo/editorial em que elogiava a atuação de Getúlio Vargas na repressão, referiu-se às “intentonas urbanas” praticadas pelos comunistas.⁹ Numa reunião ministerial, realizada para discutir as medidas anticomunistas a serem adotadas pelo governo, a 7 de dezembro, o termo também foi utilizado: Filinto Müller, em relatório policial apresentado ao Presidente, chamou o movimento de “intentona comunista”.¹⁰ Mas a verdade é que, no primeiro momento, outras expressões prevaleceram, como revolta, levante, insurreição e movimento extremista, relegando “intentona” para segundo plano.

Nos anos seguintes, apesar de ocorrerem referências constantes na imprensa sobre a “revolução”, pouco se utilizou “intentona”. Nos nove jornais que pesquisamos,¹¹ relativos ao período entre 1936 e 1937, somente em um caso encontramos a utilização de “intentona”; a maioria optou por usar outras expressões. O quadro se apresenta diferente, quando colocamos em foco o período 1961/64. Neste momento, “Intentona Comunista” está consolidada como designação formal para o levante de 1935, predominando no discurso dos veículos de imprensa consultados. As expressões correlatas pra-

⁶ “A fracassada intentona de Quitauína”, *Jornal do Brasil*, 6/04/32, p. 7. Tratava-se do 4º RI (Regimento de Infantaria).

⁷ O governo de Alagoas “(...) descobriu a preparação de uma intentona, que visava convergir do interior para a Capital grupos armados (...)”. *O Diário*, 17/02/35, p. 1.

⁸ “A malograda Intentona Integralista e a ação do governo”, *Jornal do Brasil*, 13/05/38, p. 7.

⁹ *O Jornal*, 28/11/35, p. 2. De acordo com Fernando Moraes, teria sido Assis Chateaubriand o responsável por colocar em circulação o termo intentona. Fernando Moraes, *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*, 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 362.

¹⁰ “Para encerrar a rápida exposição retrospectiva (sic) dos acontecimentos que determinaram a intentona comunista (...)”. GV 35.12.03/3 — XX-87, p. 11, AGV, CPDOC/FGV.

¹¹ *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Estado de Minas*, *O Jornal*, *A Noite*, *O Diário*, *Folha de Minas*, e mais os diários integralistas *A Offensiva* e *Ação*.

ticamente desapareceram, cedendo lugar à adoção praticamente unânime de “intentona”. Constatou-se que o processo de construção do mito já estava consolidado no início da década de 1960, sendo que tal cristalização ocorreu em algum momento entre o final dos anos 30 e a virada dos 50.

Passemos à análise dos principais elementos que compõem a mitologia construída em torno do levante. Primeiramente, o alegado caráter comunista da insurreição deve ser, no mínimo, nuançado. O programa defendido pelos revolucionários não era exatamente bolchevique, embora estivesse de acordo com a estratégia emanada do *Komintern*. Baseava-se no tripé antiimperialismo, antifascismo e antilatifundismo, o que explica a participação de elementos não-comunistas no levante, outro indicador de que a realidade era mais complexa do que a versão anticomunista faz crer. Mas é inegável que a ação foi dirigida pelo PCB, o que implicaria provavelmente num governo hegemônico pelos comunistas, no caso de vitória. Inquestionável também foi a presença do “dedo de Moscou”, participação que a abertura recente dos arquivos soviéticos veio comprovar,¹² mesmo que a discussão sobre o grau de subordinação dos comunistas brasileiros aos líderes estrangeiros ainda esteja aberta.

Um elemento de destaque nas versões correntes acerca da “Intentona” é o argumento de que teria sido uma traição, ou melhor, uma dupla traição. Por um lado, os insurretos seriam traidores da corporação militar da qual eram membros e contra a qual teriam ousado levantar suas armas. Além de ser apresentado como uma agressão específica à instituição militar, o levante comunista, supostamente, significaria também um ataque a valores caros à corporação, os quais os revolucionários teriam destruído, caso tivessem alcançado a vitória:

As Forças Armadas e as Polícias Militares não poderão esquecer jamais as páginas de traição, covardia e luto com que os comunistas tentaram violentar os conceitos de pátria, companheirismo e honra, que se encontram tão arraigados entre os nossos oficiais e praças.¹³

¹² W. Waack provocou celeuma ao trazer à baila dados retirados das fontes soviéticas. Seu livro tem limitações, bem como pontos questionáveis e polêmicos. Mesmo assim, não se lhe pode negar o mérito de contribuir com informações inéditas e úteis para o aprofundamento do debate sobre os acontecimentos de 1935. William Waack, *Camaradas*. Nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

¹³ Marco Pollo Giordani, *Brasil, sempre*, Porto Alegre, Tchê, 1986, p. 28.

Por outro lado, sempre segundo seus adversários, os comunistas teriam traído a pátria, na medida que empreenderam um levante armado, agindo sob as ordens de potência estrangeira (“[...] o povo, o Exército e a Armada estão unidos e em guarda [...] contra os que tiveram a coragem de trair a sua Pátria [...]”);¹⁴ “É uma data de traição e vergonha [...]”¹⁵). É curioso que as semelhanças entre o levante de 1935 e os episódios de 1922, 1924 e 1930 foram convenientemente esquecidas. Se os militares que revoltaram seus quartéis em novembro de 1935 traíram as Forças Armadas, os “tenentes” mereceriam exatamente a mesma qualificação.

Para reforçar a imagem de traição atribuída aos comunistas, envidaram-se esforços no sentido de representar os militares fiéis ao governo, mortos no combate como heróis. Os que morreram na defesa do regime foram elevados ao “panteão” da pátria, pois os homens responsáveis por sua morte seriam apátridas por natureza. Divulgou-se a idéia de que, de um lado, o do governo, alinhavam-se homens de bem, bons patriotas e cidadãos dignos, enquanto do lado revolucionário encontravam-se indivíduos vis e bandidos, seres desqualificados, uma verdadeira malta. O combate não teria sido apenas uma luta, opondo patriotas a comunistas, mas testemunhara também o medir de forças entre bravura e perfídia:¹⁶

(...) herois que descansam na Eternidade, envoltos em aureola de gloria (...) souberam morrer com dignidade para salvar o Brasil da horda sacrílega (...). Os interesses superiores da ordem publica, da moral, da religião e da familia, apanagios da nossa civilização, índice da nossa cultura, só não foram de roldão naquela hora tragica da nossa historia politica porque á torpeza dos processos empregados para vence-los se opuzeram, viril e bravamente, a energia, o sangue frio e a bravura dos heroicos representantes das nossas forças armadas (...).¹⁷

Não nos cabe questionar a bravura ou o patriotismo dos militares que perderam a vida combatendo os revolucionários. Mas podemos apontar o maniqueísmo das construções anticomunistas, que reservam todas as virtudes para os defensores da ordem, como se os comunistas não pudessem ser corajosos — e é preciso muita coragem para começar uma sublevação — ou

¹⁴ Trecho de discurso de Getúlio Vargas, *Jornal do Brasil*, 23/09/37, p. 9.

¹⁵ Trecho de discurso de Roberto Marinho, transmitido pela “Rêde da Democracia”, *O Globo*, 9/11/63, p. 3.

¹⁶ “(...) atos individuais de bravura que contrastaram com a perfídia de falsos companheiros amotinados”. Referência aos militares que resistiram ao levante de 1935. Excerto retirado da Apresentação escrita pelo Cel. Wadir C. Godolphim à obra de José Campos Aragão (Gal.), *A Intentona Comunista de 1935*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1973, p. 6.

¹⁷ *Jornal do Brasil*, 22/09/37, p. 7.

patriotas, coerentes com sua crença na necessidade de libertar o Brasil do imperialismo capitalista.¹⁸

O caráter dito traidor dos comunistas atuantes na “Intentona”, especialmente no que respeita à suposta traição à corporação militar, recebeu um argumento forte nas versões sobre assassinatos de oficiais que dormiam no momento da insurreição. Matar gente dormindo não significava somente traição, mas também covardia e vilania, sugestão que aparece neste poema anticomunista:

Mataram-nos à traição quando dormiam,
E foram companheiros que os mataram
Não foi a guerra, foi o crime que os matou.
Dormiam no quartel, de madrugada,
Mas a seu lado,
Em sinistra vigília,
Companheiros sem alma conspiravam,
Sem alma porque a tinham vendido
ao estrangeiro de vestes vermelhas...
Eram os filhos malditos de Caim.¹⁹

A versão de que os militares revolucionários do Rio de Janeiro mataram, na madrugada de 27 de novembro, colegas que dormiam em suas camas, constituiu-se num dos pontos mais importantes da *legenda negra* criada em torno da “Intentona”. Até hoje o assunto é polêmico, pois a crença na veracidade deste fato ainda é corrente em alguns segmentos das Forças Armadas.²⁰ É interessante notar que, nos dias imediatamente subsequentes aos acontecimentos, a maioria dos relatos publicados acerca da insurreição não menciona o assunto. *Raras referências apareceram na imprensa, como se houvesse dúvida quanto à veracidade da versão.*²¹ Anos mais tarde, quando o mito se encontrava consolidado, as narrativas sobre 1935 incorporaram qua-

¹⁸ Algumas versões chegam a apontar uma total incompatibilidade entre a condição de militar e o comunismo: “Militar, na acepção de defensor da pátria e de cultor de um elevado Código de Honra, e comunista, sem pátria, ateu, cruel e escravizador (...) são duas coisas que necessariamente se repelem”. Trecho de entrevista concedida pelo Almirante Carlos Penna Botto, *Maquis*, nº 7, ago./1956, p. 21.

¹⁹ Excerto do poema “Toque de Silêncio (Canto em memória dos Soldados assassinados em 1935)”, composto por Carlos Maul em 1961, *apud* Aragão, *op. cit.*, pp. 141-143.

²⁰ Numa entrevista concedida em 1993, o ex-Presidente Ernesto Geisel afirmou: “(...) os revoltosos mataram inclusive companheiros que estavam dormindo (...)”, Maria Celina d’Araujo & Celso Castro (Org.), *Ernesto Geisel*, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 74.

²¹ Entre os jornais pesquisados, mencionaram o assunto apenas *O Estado de São Paulo* (29/11/35, p. 2) e o *Jornal do Brasil* (3/12/35, p. 2. Artigo de Rosalina Coelho Lisboa).

se unanimemente a história dos “mortos dormindo”.²² Na onda anticomunista de 1961/64, o tema quase sempre vinha à baila, quando estava em pauta a “Intentona”, como no excerto jornalístico que segue, extraído de veículo da grande imprensa:

A intentona comunista de 1935 é uma nodoa indelevel de deslealdade, de infidelidade, de traição, de crueldade em nossa história política. Jamais, em toda a vida brasileira, houve algo tão monstruoso como o do fuzilamento de inocentes à traição, como o do aniquilamento, à bala, de oficiais e soldados durante o sono. Jamais assistimos a sede tão anormal de sangue, não conseguimos sequer imaginar nada mais repelente do que o frio assassinio em massa de inocentes (...).²³

Considerando os dados existentes sobre os acontecimentos da “Intentona”, o exagero de tais imagens é flagrante. Parece não haver dúvidas de que os relatos inspirados no anticomunismo deturparam grosseiramente os fatos. No inquérito dirigido pelo Delegado Bellens Porto, uma das principais fontes de informação sobre o desenrolar da insurreição no Rio de Janeiro, não há nenhuma menção a assassinatos em massa, menos ainda a vítimas trucidadas em pleno sono. Mas, ao que parece, ocorreu um ato de violência contrário aos padrões da ética militar. Segundo os testemunhos recolhidos pelos investigadores, tudo indica ter havido a execução de um oficial legalista, que se encontrava preso e desarmado, o Tenente Benedicto Bragança.²⁴ A vítima teria sido baleada por um oficial comunista, que a mantinha sob guarda no interior de um veículo. Provavelmente, este episódio deu origem às histórias sobre crimes bárbaros atribuídos aos comunistas.²⁵ É razoável supor que as narrativas anticomunistas transformaram em regra geral um ato isolado, praticado por um dos revolucionários, e o deturparam a fim de representar os comunistas como assassinos frios e cruéis.

Esta suposição é reforçada pela existência de versões publicadas à época, que afirmavam estar o tenente Bragança dormindo no momento de

²² Para reforçar a imagem de inocência, atribuída aos oficiais mortos pelos rebeldes, um jornal, em matéria publicada um ano após os acontecimentos, afirmou que alguns dormiam e outros liam: “No quartel do Terceiro R.I. soldados assassinavam companheiros que dormiam ou liam, distraídos”. *O Diário*, 26/11/36, p. 4.

²³ *O Estado de S. Paulo*, 27/11/62, p. 3.

²⁴ Cf. Eurico Bellens Porto, *A insurreição de 27 de novembro*, Rio de Janeiro, Polícia Civil do Distrito Federal/Imprensa Nacional, 1936, pp. 112 e 113.

²⁵ Esta opinião é partilhada também por Reynaldo Pompeu de Campos (*Repressão judicial no Estado Novo: esquerda e direita no banco dos réus*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1982, pp. 66-70.).

sua execução: “O tenente Benedicto Lopes Bragança (...) foi assassinado a pistola por um sargento, quando dormia tranquilamente no quartel do 3º RI”.²⁶ Se tomarmos como confiável o inquérito policial, que não tinha nenhum interesse em omitir os atos praticados pelos rebeldes, este relato jornalístico apresenta uma série de equívocos, demonstrando a maneira atabalhoada, para dizer o mínimo, como a imprensa divulgou os fatos. Primeiro, o tenente não estava dormindo; encontrava-se preso e sob vigilância, sentado no banco traseiro de um veículo. Como poderia alguém dormir sob a mira de uma arma? Aliás, é difícil acreditar que alguém estivesse dormindo, naquela madrugada, nos quartéis do Rio de Janeiro, pois estava em vigor o estado de prontidão. A insurreição havia estourado no Nordeste dias antes e o governo estava informado de que haveria um levante nas guarnições do Rio. De acordo com vários relatos, o clima de tensão no interior das unidades militares era muito forte. Em segundo lugar, a cena se deu na Escola de Aviação e não no 3º RI. Terceiro, o executor tinha a patente de Capitão.

Mas as representações anticomunistas sobre a insurreição de 1935 não se restringiram à linguagem verbal. O imaginário construído em torno da Intentona também contou com o auxílio de recursos iconográficos.

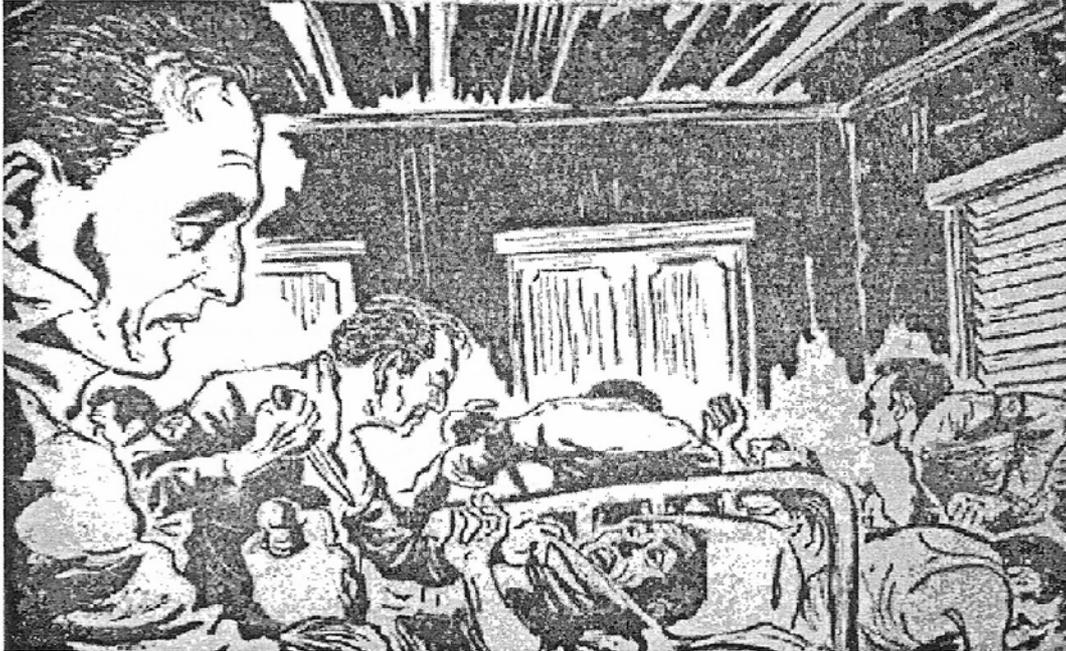


Figura 1: Comunistas assassinando à traição — Fonte: *Maquis*, dez./1960, BN

²⁶ *O Estado de S. Paulo*, 29/11/35, p. 2.

Na reprodução apresentada na Fig.1, temos um exemplar valioso da iconografia anticomunista produzida no Brasil. O desenho saiu como ilustração de uma matéria jornalística alusiva às comemorações da Intentona, publicada em 1960 por uma revista anticomunista.

A imagem, que impressiona pela força de seu conteúdo, converte em linguagem visual as representações construídas em torno das “atrocidades” supostamente praticadas pelos comunistas no episódio de 1935.

A cena apresentada na figura provoca choque e horror, uma impressão aterrorizante, que é fortalecida pela predominância de tons escuros no desenho. Um bando de comunistas, devidamente identificados com a “clássica” braçadeira da foice e do martelo,²⁷ aparece trucidando alguns homens no interior de um dormitório. As vítimas estão atordoadas pelo sono; parte dos homens ainda está deitada nas camas, ao passo que outros tentam se erguer. A arma utilizada pelos assassinos é o punhal, presença também tradicional na iconografia anticomunista, instrumento a evocar vilania e traição.

Dominando o quadro, um homem magro, rosto encovado, figura tão conhecida que não é preciso marcá-lo com a braçadeira: é Prestes. Ostentando uma expressão fria e indiferente, armado também de punhal, o líder comunista parece comandar a ação de seus homens. Note-se a gola alta do casaco que ele veste, detalhe que simboliza ações camufladas, embaçadas, no limite, malignas. Não há dúvida, a cena em questão refere-se ao episódio do assassinato de oficiais legalistas adormecidos, que teria ocorrido durante o levante comunista nos quartéis do Rio de Janeiro.

A deturpação contida na imagem é gritante, tanto mais quanto se apresenta como uma representação de acontecimentos históricos. Já demonstramos a inverossimilhança das versões sobre as “vítimas dormindo”. Contudo, mesmo se aceitássemos tais relatos como verdadeiros, supondo que os revolucionários tivessem conseguido esconder das autoridades policiais as evidências do crime, a gravura continuaria contendo elementos farsescos.

Primeiro, e desconsiderando as risíveis braçadeiras, ninguém morreu a golpe de punhal naquela madrugada. Os revolucionários usavam armas de fogo, principalmente fuzis e pistolas. Aliás, seria curioso imaginar oficiais das Forças Armadas brasileiras — independente das convicções políticas, sempre ciosos dos brios militares — fazendo um levante militar à base de punhal!

²⁷ Na iconografia anticomunista, era comum o uso da foice e do martelo para identificar os comunistas e o comunismo. Curiosamente, o símbolo criado pela tradição comunista para representar seu programa serviu também aos propósitos da propaganda anticomunista.

Para além da questão dos valores e das tradições, uma evidência mais prosaica torna a cena representada impossível: segundo as autópsias divulgadas à época, as vítimas do lado legalista morreram à bala.²⁸

Outra “licença poética” do artista que produziu o desenho é a presença de Prestes no cenário da rebelião no quartel. É certo que o ex-Capitão era o comandante militar da insurreição, tendo assinado as ordens enviadas aos militares revolucionários. Mas ele ficou o tempo todo no seu “Quartel-General”, montado numa casa em Vila Isabel, e não chegou a pôr os pés nos quartéis rebelados. E, mesmo se quisesse, teria sido muito difícil fazê-lo, já que não pertencia aos quadros do Exército desde 1924, quando registrou um pedido de baixa, ao aderir à rebelião tenentista, ocorrida naquele ano. Por outro lado, Prestes estava sendo procurado pela polícia há meses, informada do seu retorno ao Brasil. Nestas condições, teria sido muito arriscado participar diretamente do levante nos quartéis.

O caráter fantasioso da imagem não impedia que os objetivos propagandísticos fossem alcançados, ao contrário. O fato é que a gravura representava bem a versão anticomunista dos acontecimentos, ajudando a fixar a imagem de crueldade e traição imputada a Prestes e a seus liderados.

De maneira geral, as representações anticomunistas apresentaram como um acontecimento de violência e crueldade inusitadas uma rebelião que diferia pouco do padrão dos levantes militares anteriores, exceto quanto aos objetivos. Imagens superlativas foram utilizadas, com o fito de apresentar a tentativa revolucionária como um ato hediondo:

Nas poucas horas da intentona comunista de Natal, de Recife e do Rio de Janeiro, em novembro de 1935 — a dignidade humana sofreu nas terras generosas da America os ultrajes mais infamantes.

O estupro, o assassinio, o saque, a destruição — foram as primeiras brutalidades postas em pratica.

Um plano de homicídios oficiais havia sido elaborado. E o Brasil seria governado por um condenado a morte na Alemanha, por um desertor do Exército Nacional e por duas mulheres que representavam a nova moralidade russa: o amor livre, o divorcio a vinculo, a dissolução da familia, o abandono da infancia (...).²⁹

²⁸ *Apud* SILVA Hélio. *1935: a revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. pp.459-461.

²⁹ LEÃO, Cleon de. *Os dois mundos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938, p.192.

É de se notar a ênfase conferida a atos imorais atribuídos aos comunistas, para além das acusações de praticarem violência e brutalidades. Várias fontes anticomunistas afirmaram que os revolucionários, durante a vigência do “governo popular” de Natal, cometeram abuso sexual contra as jovens da cidade (“[...] violaram virgens inermes [...]”³⁰). No excerto citado acima, além da acusação de estupro, sugere-se a existência de imoralidade no comportamento das mulheres de Luiz Carlos Prestes e Arthur Ewert (Olga Benario e Elise Saborowski). O que seria do Brasil, perguntavam os anticomunistas, se um tal grupo de pessoas imorais governasse o país?³¹

Muitos exageros foram cometidos também na apreciação do custo, em vidas, da insurreição, na tentativa de apresentá-la como um acontecimento mais grave do que realmente foi. Algumas fontes anticomunistas chegaram a afirmar, por exemplo, que cerca de 450 pessoas morreram nos combates.³² Estimativas mais confiáveis apontam para um número entre 60 e 100 vítimas fatais (contando as baixas dos dois lados), o que não é pouco, evidentemente, mas longe dos exageros da propaganda anticomunista.

Ainda no que tange aos recursos iconográficos usados pela propaganda anticomunista, houve uma imagem que, logo após os acontecimentos de novembro de 1935, causou intensa polêmica. Estamos nos referindo a uma fotografia (Fig. 2), instantâneo tirado no início da tarde do dia 27 de novembro de 1935, minutos após a rendição dos rebeldes do 3º RI (Regimento de Infantaria). A foto tornou-se uma imagem clássica da rebelião, muito utilizada como ilustração em livros que abordam o tema. A imagem retrata os oficiais rebeldes marchando, abraçados, pela Avenida Pasteur (via que dá acesso à Praia Vermelha, local onde se encontrava o quartel do 3º RI), em direção aos veículos que os conduziriam à prisão.

A forte celeuma gerada na época contribuiu para que a fotografia se tornasse célebre. A partir do momento em que os jornais estamparam a imagem, os setores anticomunistas expressaram reações violentas. O foco do problema foi a expressão facial apresentada pelos oficiais revolucionários no instante em que a chapa foi batida. Para horror dos guardiões da ordem, al-

³⁰ *O Diário*, 2/01/36, p. 4. Segundo as fontes disponíveis, tais acusações não têm fundamento.

³¹ A questão moral é um dos aspectos mais importantes do imaginário anticomunista. Infelizmente, não é possível analisar o tema em toda sua complexidade aqui. Ver Sá Motta, *op. cit.*

³² “7 dias de terror, sangue e saques”, *Maquis*, nº 13, set./1956, pp. 24-29. Este periódico exagerou também na duração do levante, como se pode ver no título da matéria.

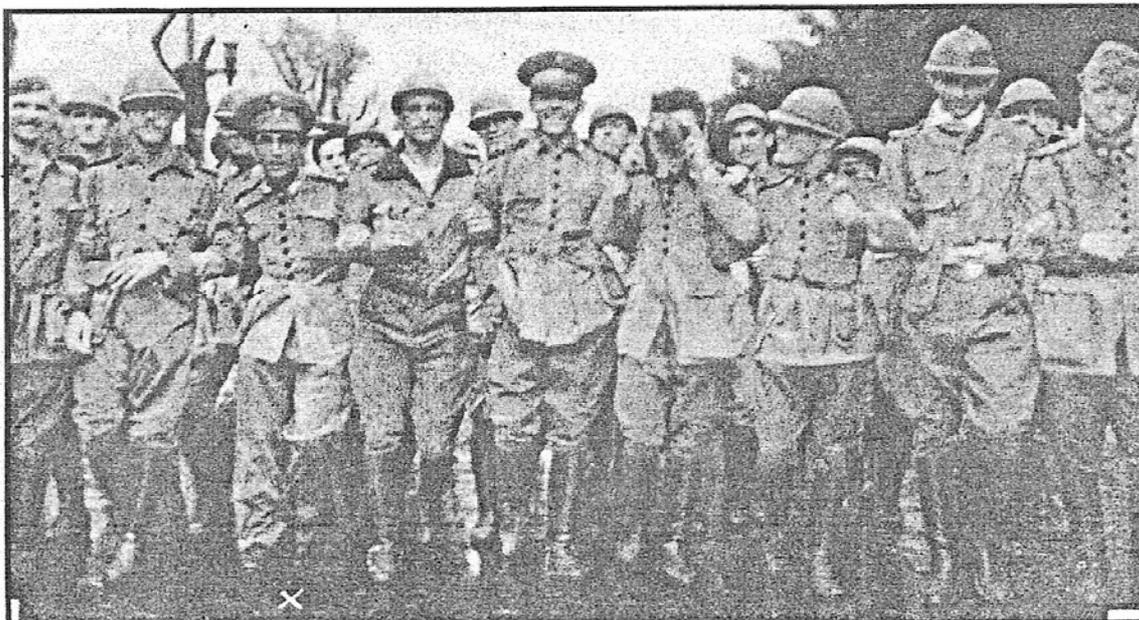


Figura 2 — Os revolucionários da Praia Vermelha

guns militares rebeldes ostentavam um... sorriso! Manifestações indignadas não se fizeram esperar, reagindo contra o que se considerava uma afronta à memória dos mortos e um insulto a seus familiares. O excerto seguinte é representativo do tom das reações provocadas pela fotografia:

*Ponha-se em relêvo, que vidas moças e felizes, votadas integralmente à defesa da nossa Pátria, foram sacrificadas brutalmente, quando dormiam, à sanha dos comunistas, que, ainda depois de vencidos, saíram cinicamente risonhos do quartel, tripudiando qual fêras, sobre as vítimas do seu nefando crime e sôbre o sofrimento dos que ficavam, das viúvas e dos orfãos do seu desvário.*³³

O sorriso se prestava a confirmar o que os adversários do projeto revolucionário vinham dizendo há tempos: os comunistas eram criaturas caracterizadas pela crueldade e pela frieza. Só mesmo almas maldosas poderiam rir após um combate que produzira tantas mortes. Se, por um lado, tal interpretação retratava uma indignação sincera, por outro, não se pode perder de vista sua conveniência para os fins da propaganda anticomunista.

³³ BRASIL. Polícia Militar do Distrito Federal, *Guia de combate ao comunismo*. Para uso dos quadros e da tropa, Rio de Janeiro, Tipografia da Polícia Militar, 1938. p. 79 (itálicos no original). Reações de tom semelhante apareceram na imprensa. Ver, por exemplo, *O Estado de São Paulo*, 29/11/35, p. 1, e *Jornal do Brasil*, 3/12/35, p. 5.

Na verdade, as caras risonhas nada tinham a ver com escárnio e cinismo. O ar despreocupado dos oficiais revolucionários estava relacionado às suas convicções ideológicas. Na sua perspectiva, o que se passara tinha sido mera batalha, a guerra não estava terminada. O levante que protagonizaram seria apenas o começo da luta, cujo resultado levaria inexoravelmente à vitória do proletariado. A crença comunista de que o tempo corria a favor da revolução explica o otimismo daqueles jovens oficiais presos na Praia Vermelha. Eles acreditavam que seriam redimidos pela história. Nem a perspectiva do encarceramento chegava a assustar, pois muitos deles pensavam na prisão como episódio passageiro. A revolução popular estava a caminho e os revolucionários presos seriam arrancados dos grilhões pelas massas.³⁴

Mas há outro detalhe importante para entender a razão do bom humor registrado na foto. Segundo o repórter David Nasser, que fazia cobertura jornalística dos acontecimentos, no momento em que a fotografia foi tirada, alguém, nas proximidades, havia dito uma piada, provocando os sorrisos.³⁵ Se aqueles homens, marchando em direção ao cárcere, tiveram disposição para rir de um dito jocoso é porque, de fato, não pensavam haver motivos para tristeza. Não se consideravam derrotados e, ao contrário do que diziam seus inimigos, não haviam cometido nenhuma atrocidade.

Independentemente dos sentimentos reais por trás daquelas faces risonhas, a fotografia se tornou elemento de relevo no interior do universo das representações anticomunistas. Tornou-se uma peça da batalha ideológica, uma evidência utilizada para caracterizar a maldade intrínseca atribuída aos seguidores de Prestes. Mesmo décadas depois de passados os acontecimentos, a expressão risonha dos revolucionários não havia sido esquecida pelos propagandistas do anticomunismo, como se pode ver no texto do já citado poema:

E, depois, os chacais desfilariam
Risonhos, como hienas satisfeitas,
Dentes à mostra nas fotografias
Que muitos viram
E logo esqueceram...³⁶

³⁴ O bom humor e o moral alto continuaram durante algum tempo, mesmo nos presídios. A este respeito conferir Agildo Barata, *Vida de um revolucionário: memórias*, 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1978, pp. 312 e 313.

³⁵ *Apud* Marly de Almeida Gomes Vianna, *Revolucionários de 35: sonho e realidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 259.

³⁶ "Toque de Silêncio (Canto em memória dos Soldados assassinados em 1935)", Carlos Maul, 1961, *apud* Aragão, *op. cit.*, p. 143.

Em suma, o malgrado levante armado de 1935 provocou forte reação conservadora, inspirada no medo de que o Brasil viesse a se tornar uma nova Rússia. E, correlatamente, deu origem também à construção de um conjunto de representações anticomunistas, baseado em imagens fortes, como violência, traição, covardia, massacre, estupro e práticas imorais de variada espécie. A mitologia erigida em torno de 1935 deitou raízes no imaginário social brasileiro e, por várias décadas, manteve-se presente nos embates político-ideológicos.

As comemorações oficiais da “Intentona” se constituíram em momento privilegiado no que se refere ao processo de constituição e reprodução das representações sobre o acontecimento. A tradição de realizar “romarias cívicas” aos túmulos dos mortos das forças legalistas no Rio de Janeiro começou já no ano seguinte ao levante. No dia 27 de novembro de 1936, teve lugar a primeira edição da “festividade”, que, no primeiro momento, não contou com grande empenho do governo, embora o Ministro da Guerra tenha feito publicar uma ordem do dia dedicada ao acontecimento e mandado rezar missa pela alma dos mortos. Tudo indica que os integralistas tiveram grande participação na preparação das comemorações de 1936. A AIB — Ação Integralista Brasileira decretou que todos os seus núcleos provinciais comemorassem a data e seus jornais divulgaram-na com destaque,³⁷ em contraste com o pouco interesse demonstrado pela grande imprensa. É significativo observar que este tipo de comemoração se combinava bem com o apreço dos camisas-verdes por manifestações ritualísticas, para não falar do conteúdo nacionalista e anticomunista evocado pela ocasião. Por outro lado, desde 1934 os integralistas estabeleceram o culto aos militantes mortos nos confrontos com os comunistas, que recebiam tratamento de heróis e mártires.³⁸

Já a partir de 1937, no entanto, observa-se que o Estado resolveu conferir às comemorações caráter oficial, talvez devido à percepção do potencial propagandístico a ser explorado. O “27 de novembro” tornou-se data comemorativa oficial das Forças Armadas e ao ato cívico passaram a comparecer altas personalidades da República, tanto civis como militares, sendo que invariavelmente o próprio Presidente participava pessoalmente. Em 1938, o governo decidiu investir mais na celebração anticomunista, abrindo créditos para a construção de um monumento aos mortos que lutaram ao lado da ordem contra os revolucionários.

³⁷ Ver *A Offensiva*, 27/11/36, e *Ação*, 27 e 28/11/36.

³⁸ Ver *A Offensiva*, 11/10/34, p. 1, e 29/10/34, p. 1.

O mausoléu, inaugurado oficialmente a 27/11/40, veio resolver um problema que empanava um pouco o brilho da solenidade. Até então se faziam duas romarias cívicas, pois os mortos haviam sido enterrados em locais diferentes: os restos dos oficiais se encontravam no cemitério São João Batista, enquanto os túmulos dos subalternos estavam no São Francisco Xavier. Com a construção do monumento no São João Batista, os restos mortais foram, “democraticamente”, reunidos no mesmo lugar, como convinha a uma ditadura de forte conteúdo populista. A partir daí, a romaria passou a ser uma só.³⁹

O monumento, destinado a fixar a memória oficial sobre o levante, tornou-se palco principal do ato cívico relativo à “Intentona”, conferindo-lhe colorido especial. A celebração de 27 de novembro continuou a acontecer regularmente no decorrer das décadas seguintes, momento privilegiado de proselitismo dos ideais anticomunistas. O ritual, mais do que prantear os mortos, visava preservar na memória da sociedade o compromisso com os valores anticomunistas. Como disse o Ministro da Justiça, Francisco Campos, no ato de inauguração do Mausoléu: “Este monumento é apenas um sinal. Dele não precisavam os mortos. Ele se dirige sobretudo aos vivos”.⁴⁰

O impacto das comemorações se fez sentir com mais força entre a oficialidade das Forças Armadas (FFAA), um dos principais alvos da celebração. A própria ritualística do evento possuía caracteres típicos das homenagens aos militares mortos em defesa da pátria, uma pompa fúnebre que passava pelo pronunciamento de discursos oficiais e pelo oferecimento de coroas de flores em memória dos heróis.⁴¹ Na festividade cívica, os membros das FFAA eram convidados a lembrar-se dos colegas de armas “assassinados pelos vermelhos” e, desta forma, renovar os votos de empenho anticomunista. Nas palavras de um General, testemunha ocular da tradição das romarias de 27 de novembro:

Iniciou-se, a partir de 35, essa peregrinação anual ao monumento dos mortos, primeiro no Cemitério do São João Batista, depois na Praia Vermelha. Essa

³⁹ *Jornal do Brasil*, 27/11/38, p. 7.

⁴⁰ *O Diário*, 29/11/40, p. 4.

⁴¹ Existem registros fílmicos das comemorações realizadas junto ao Monumento. A Agência Nacional costumava filmar as celebrações e as inseria na programação do seu Cine Jornal Informativo. Para o período compreendido entre os anos 1950 e 1970, localizamos várias filmagens deste tipo, preservadas em fitas VHS. Considerando o alcance do Cine Jornal, podemos imaginar a importância deste veículo como divulgador da mensagem anticomunista. O material encontra-se no Arquivo Nacional: CDA/SDS; EH/FIL 0054, 0261, 0295, entre outros.

intoxicação mental que as Forças Armadas passaram a sofrer foi por influência desse período cesarista. Terrível doutrinação antimarxista, absolutamente intolerante e radical, que não admitia nenhuma meia-luz, nenhuma medida de compreensão.⁴²

A rememoração dos fatos ocorridos em 1935, melhor dizendo, das versões sobre eles, tornou-se uma arma importante da propaganda anticomunista, que para tanto cunhou a expressão “lembrai-vos de 35”.⁴³ Evidentemente, as comemorações da “Intentona” adquiriram maior relevo nos momentos em que as campanhas anticomunistas se fizeram mais intensas. No quadro da crise do período 1961-64, especialmente, o tema foi muito explorado e as “romarias” ao São João Batista tornaram-se atos políticos de grande repercussão.

Mas isto é uma outra história.

⁴² Depoimento do General Octávio Costa, Maria Celina D’Araujo, Gláucio A. D. Soares A.D. & Celso Castro, *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994, p. 77.

⁴³ A expressão apareceu, por exemplo, na capa da edição de novembro de 1962 (nº 62) da revista *Ação Democrática*: “Lembrai-vos de 35! Comunistas assassinaram brasileiros em pleno sono. Participante da traição de 35 é secretário do presidente João Goulart”.